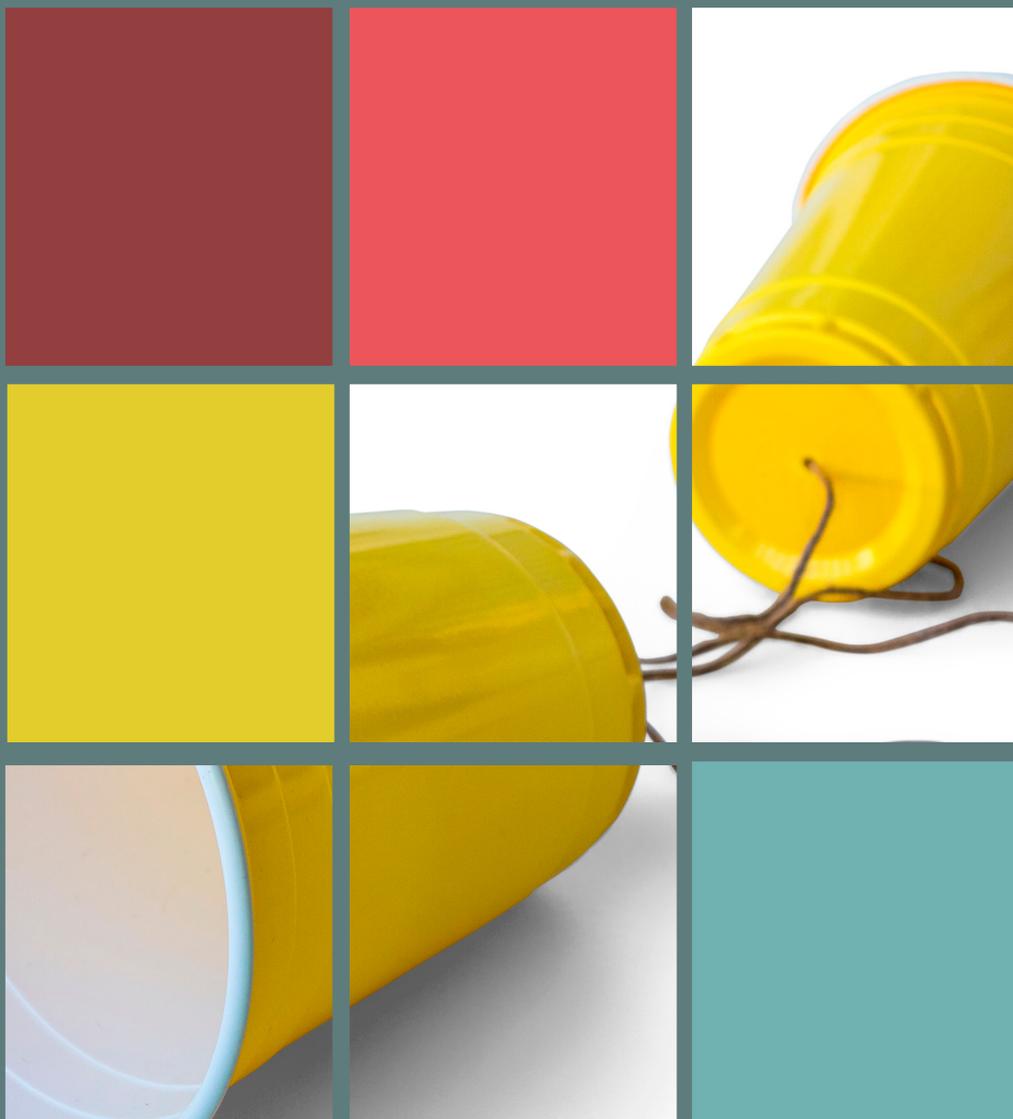
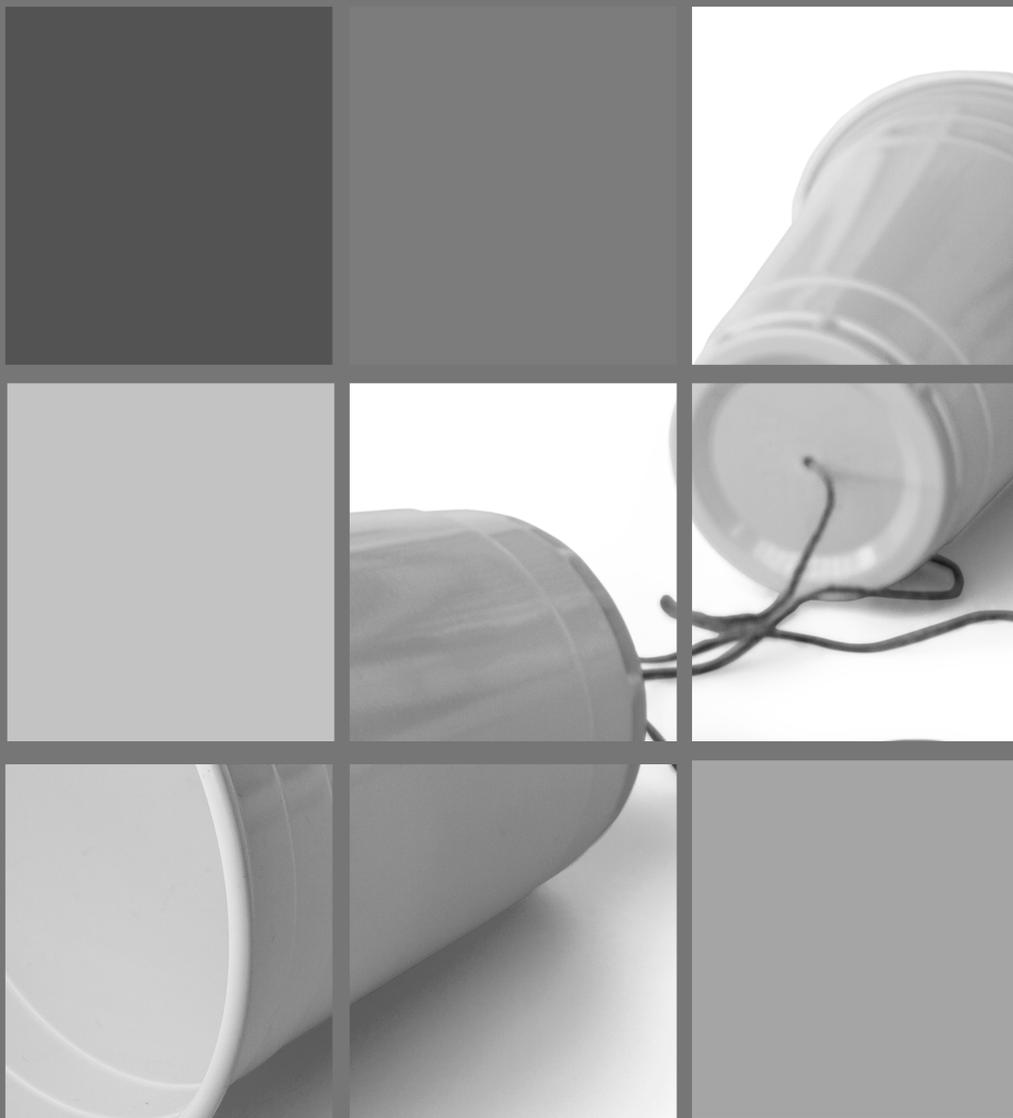


Marcelo Pereira da Silva
(Organizador)



O Imaginário Mágico nas
Ciências da Comunicação

Marcelo Pereira da Silva
(Organizador)



O Imaginário Mágico nas
Ciências da Comunicação

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lúvia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

O imaginário mágico nas ciências da comunicação

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Luiza Alves Batista
Correção: Giovanna Sandrini de Azevedo
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Marcelo Pereira da Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

I31 O imaginário mágico nas ciências da comunicação /
Organizador Marcelo Pereira da Silva. – Ponta Grossa -
PR: Atena, 2020.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-5706-615-7
DOI 10.22533/at.ed.157202411

1. Comunicação. I. Silva, Marcelo Pereira da
(Organizador). II. Título.

CDD 302.23

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos.

APRESENTAÇÃO

O e-book “O Imaginário Mágico nas Ciências da Comunicação” aglutina não apenas as possibilidades que o campo da Comunicação enseja, mas também os desafios que se erigem na/da sociedade contemporânea, marcada pelo crescente processo de midiatização, pela fragmentação do vínculo social, pela dificuldade de convivência e compreensão de pontos de vista contraditórios, pelo império das narrativas em detrimento dos fatos, pela recusa à efemeridade da ciência, pela vigilância e punição do contrário, pela dessincronia entre ética e estética, etc.

Os avanços tecnológicos, fundamentais ao desenvolvimento da sociedade, dos Estado-nação, dos sujeitos e organizações, portam aporias que devem ser postas na mesa para um tipo de “acerto de contas” que minimize seus efeitos nocivos e potencialize os benefícios que proporcionam ao planeta, sobretudo aos países que primam pela democracia e não flertam com regimes totalitários que ainda existem, como o comunismo.

O tempo de incertezas e dramaticidade pelo qual o mundo passa é a ribalta na qual esta obra foi pensada: reunir pesquisadores de diferentes áreas para jogar luz ao imaginário da Comunicação diante da violência simbólica produzida por variados espectros ideológicos que se capilariza em ambientes on-line e off-line, criando verdadeiras trincheiras que solapam as alteridades, obstaculizam a coabitação e ferem a dignidade humana, aquela que não tem classe, etnia, religião, sexo, que é “humanamente humana”, que tipifica cada sujeito que habita o planeta em sua singularidade e todos os habitantes da terra-mundo.

Esta obra se constitui de artigos que abarcam estudos interdisciplinares sobre distintos objetos da Comunicação, aprofundando em teorias, estratégias, análises, metodologias e processos que propõem mudanças de direção, reformulações e ressemantizações para um campo que se encontra em permanente dialética e é essencialmente dialógico.

A Comunicação, nos múltiplos sentidos constituídos pelos autores de cada um dos 17 artigos deste e-book, é uma grande obra que ainda está construção, sempre investida de magia, mágica e imaginários.

Marcelo Pereira da Silva

SUMÁRIO

MÍDIA, DISCURSO E CONSUMO

CAPÍTULO 1..... 1

FORMAÇÃO DISCURSIVA E ORDEM DE DISCURSO EM PROGRAMAS POPULARES: ANÁLISE DO DOCUMENTO ESPECIAL E BALANÇO GERAL

Marcelo Pereira da Silva

Carlos Alberto Garcia Biernath

Kelly de Conti Rodrigues

DOI 10.22533/at.ed.1572024111

CAPÍTULO 2..... 13

SAÚDE EM FOCO: UMA ANÁLISE DAS NOTÍCIAS SOBRE SAÚDE VEICULADAS POR UM TELEJORNAL DO ESTADO DO TOCANTINS

Meirylaine Pereira Bezerra Viegas

Larissa Queiroz Azevedo de Aquino

Vilker Nascimento Bezerra de Aquino

Celso Henrique Viegas Pereira

DOI 10.22533/at.ed.1572024112

CAPÍTULO 3..... 19

COMUNICAÇÃO, GÊNERO E SOCIABILIDADE: PRECONCEITO ÀS MULHERES PRESENTE NA MÍDIA BRASILEIRA

Katia Maria Belisário

DOI 10.22533/at.ed.1572024113

CAPÍTULO 4..... 30

ESTUDIO DE LA GESTIÓN DEL CONTENIDO DE GÉNERO EN LA PUBLICIDAD: ALORACIÓN DE LAS ESTRATEGIAS EMPLEADAS POR LOS ANUNCIANTES ESPAÑOLES Y APORTACIONES PARA EVITAR LA PUBLICIDAD SEXISTA

Emma Torres-Romay

Silvia García-Mirón

DOI 10.22533/at.ed.1572024114

CAPÍTULO 5..... 44

MÍDIA E FRONTEIRA: A MÍDIA DE REFERÊNCIA BRASILEIRA NO CONTEXTO DO COLONIALISMO E DO IMPERIALISMO MODERNO

Kelly Sinara Alves de Carvalho

DOI 10.22533/at.ed.1572024115

CAPÍTULO 6..... 55

RELIGIÃO E CONSUMO: UM ESTUDO SOBRE A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS

Adille Rigoni Massimini

Andrey Albuquerque Mendonça

DOI 10.22533/at.ed.1572024116

CAPÍTULO 7	70
MEMÓRIAS SOBRE A REVISTA “INTERVALO”: HISTÓRIA ORAL E PESQUISA	
Talita Souza Magnolo	
Rosali Maria Nunes Henriques	
DOI 10.22533/at.ed.1572024117	
CAPÍTULO 8	83
A CARACTERÍSTICA REGIONAL DO RÁDIO NA REDE CATÓLICA: UM ESTUDO DE CASO SOBRE A REDE CANÇÃO NOVA DE RÁDIO	
Elane Gomes Santos Coutinho	
DOI 10.22533/at.ed.1572024118	
CAPÍTULO 9	96
CHARGES EM REDE: OS DISCURSOS ACERCA DA MAIORIDADE PENAL NO FACEBOOK	
Lívia Fernanda Nery da Silva	
Leonildes Pessoa Facundes	
DOI 10.22533/at.ed.1572024119	
REDES SOCIAIS DIGITAIS, EDUCAÇÃO, CULTURA E CINEMA	
CAPÍTULO 10	105
O ARTESANATO EM SÃO LUÍS-MA: TRANSFORMAÇÕES E PERMANÊNCIAS NAS RELAÇÕES DE PRODUÇÃO E CONSUMO ARTESANAL NA CONTEMPORANEIDADE	
Ádilla Danúbia Marvão Nascimento Serrão	
DOI 10.22533/at.ed.15720241110	
CAPÍTULO 11	117
PROCESSOS TECNOLÓGICOS E PRODUÇÃO DE IMAGENS: PESQUISA E TRANSFORMAÇÃO COM SUJEITOS DE BAIRRÓS POPULARES	
Valnice Sousa Paiva	
Eliana da Silva Neiva Brito	
Jailda Souza do Nascimento	
Letícia Araújo Lima	
Maria José Pitanga Suzart da Silva	
Moizes Ferreira de Paula Neto	
Reijane dos Anjos Figueredo	
Sarlete Almeida Santana Santos	
DOI 10.22533/at.ed.15720241111	
CAPÍTULO 12	131
REDES SOCIAIS, UM NOVO JEITO DE SE COMUNICAR NA SOCIEDADE ATUAL	
Rafael Luiz Sanches do Nascimento	
DOI 10.22533/at.ed.15720241112	
CAPÍTULO 13	145
PLATAFORMAS, DISPOSITIVOS INTERACIONAIS E CIRCULAÇÃO: MAPEAMENTO DO	

EPISÓDIO “VAZA JATO”

Diosana Frigo

Luan Moraes Romero

Viviane Borelli

DOI 10.22533/at.ed.15720241113

CAPÍTULO 14..... 159

TELEPACÍFICO LABELS PROJECT: ¿TRANSMEDIA OR NON-TRANSMEDIA?

Ismael Cardozo Rivera

DOI 10.22533/at.ed.15720241114

CAPÍTULO 15..... 174

EDUCAÇÃO FINANCEIRA X GAMIFICAÇÃO: RELATO DE EXPERIÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Waleria Lindoso Dantas Assis

DOI 10.22533/at.ed.15720241115

CAPÍTULO 16..... 184

PROCESSOS COGNITIVOS NO JOGO DE REGRAS RUMMIKUB À LUZ DO APORTE TEÓRICO PIAGETIANO

Luciana Ramos Rodrigues de Carvalho

Francismara Neves de Oliveira

Églin Ribeiro dos Santos

Sérgio Luís Evangelista de Almeida

DOI 10.22533/at.ed.15720241116

CAPÍTULO 17..... 199

IDEOLOGIA E DISTOPIA NO CINEMA PÓS-MODERNO: ANÁLISE DOS FILMES JOGOS VORAZES E DIVERGENTE

Marlon Sandro Lesnieski

Reinaldo José Nunes

DOI 10.22533/at.ed.15720241117

SOBRE O ORGANIZADOR..... 213

ÍNDICE REMISSIVO..... 214

CAPÍTULO 1

FORMAÇÃO DISCURSIVA E ORDEM DE DISCURSO EM PROGRAMAS POPULARESÇOS: ANÁLISE DO DOCUMENTO ESPECIAL E BALANÇO GERAL

Data de aceite: 01/12/2020

Marcelo Pereira da Silva

Universidade Estadual Paulista. Programa de Pós-graduação em Linguagens, Mídia e Arte e do curso de Relações Públicas da PUC-Campinas.

Carlos Alberto Garcia Biernath

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP; bolsista CAPES.

Kelly de Conti Rodrigues

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP; bolsista FAPESP.

RESUMO: Desde 1966, com a exibição de “O Homem do Sapato Branco”, programas popularescos existem na televisão brasileira e conquistam reconhecimento junto à audiência. Uma de suas características mais marcantes, conforme França (2009), implica no fato de que o sujeito-produtor destes programas não visa neutralizar diferenças ou atingir um ensejo homogêneo, mas encontrar elementos que busquem identificação coletiva. Considerando ser no discurso que as relações de poder ficam demarcadas, observamos os popularescos Documento Especial (década de 80) e Balanço Geral (ainda no ar) a fim de evidenciar possíveis diferenças e semelhanças no discurso dos programas. Para isso, mobilizamos a Análise do Discurso de tradição francesa como suporte teórico-metodológico de pesquisa e levamos

a cabo uma análise com bases nas noções de formação discursiva e de ordem do discurso.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso, Documento Especial, Balanço Geral, Formação Discursiva.

INTRODUÇÃO

Em vista da identificação que os programas popularescos atingem junto à audiência – vide o considerável número de atrações que se mantêm no ar há décadas – é preciso reconhecer a eficácia de tais peças jornalísticas. Para além da produção técnica, consideramos também a construção discursiva destas atrações.

Para além, essas produções revelam o que seria pertencente à cultura popular(esca). O entendimento sobre popularesco, que não detém uma definição exatamente precisa aos programas, perpassa o que alguns autores percebem ser uma tentativa de representar a cultura popular, mas produzida por sujeitos e recobertas por elementos que não fazem parte dessa cultura. Disso decorre o entendimento de que o ‘popularesco’ a que nos referimos se constitui, como produto midiático, por meio de fragmentos de cultura popular. Isso revela que, na verdade, essas produções televisivas representam a visão dos produtores sobre esta cultura popular.

Por se tratar de um veículo que surgiu após o rádio, o cinema e o jornal impresso,

a televisão consegue, por excelência, agregar elementos de todos esses meios de comunicação. A constituição linguística da TV revela um conteúdo denotativo, que pode auxiliar na identificação da audiência com seus produtos, favorecendo a um efeito de real.

Esse discurso produzido congrega alguns procedimentos que podem indicar a intenção de manter determinada ordem. Isso pode ser mais bem observado quando considerado junto a conceitos que indiquem relações entre enunciados e condições de produção das produções jornalísticas.

11 O DISCURSO E AS RELAÇÕES DE PODER EMARANHADAS

Para alguns, o termo discurso pode indicar, tão somente, a fala do sujeito que tece uma mensagem ante a uma plateia. Consequentemente, o verbo ‘discursar’ é definido no dicionário como: “**1.** Fazer discurso; **2.** Discorrer; **3.** Raciocinar” (PRIBERAM, 2017, online). Porém, o discurso é entendido em um contexto mais amplo para autores clássicos das ciências sociais. Como bem coloca Orlandi (2012, p. 15), “a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento”.

O conteúdo textual denota uma interação linguística entre os interlocutores de determinada situação retratada, por exemplo, por um texto. Todavia em um olhar mais profundo é possível observar que será no discurso que a posição do orador estará demarcada. Isso porque “não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido” (PÊCHEUX, 1975 apud ORLANDI, 2012, p. 17). Essa acepção nos situa em uma definição de discurso na qual ancoramos nossa crença e que manteremos em riste em todo o presente trabalho.

Por conseguinte, é no discurso que as relações de poder ficam demarcadas. É nele, também, que se revelam as intenções do sujeito, permeadas por sua retórica e por seu ethos. Nessa concepção de discurso, vale mencionarmos Foucault (1999). Seguindo a visão foucaultiana, esse discurso que emana do sujeito tem forte relações com o poder. Ele poderá ser moldado ao sabor de estratégias institucionais, que assim o mantém sob ‘controle’ dentro de determinados padrões. Esse discurso, à primeira vista, representa pouca coisa; porém, as interdições às quais está sujeito revela uma ligação com o desejo e o poder.

O discurso – como a psicanálise nos mostrou – não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é, também, aquilo que é o objeto do desejo; e visto que – isto a história não cessa de nos ensinar – o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar (FOUCAULT, 1999, p. 10).

Esses discursos que se ligam ao poder revelam, em epítome, criações de efeitos de verdade, à medida em que as instituições, mais uma vez, os colocam. Ainda segundo

Foucault (1999, p 8-9), em toda sociedade a produção do discurso é “controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório”. Para isso, existem procedimentos que cerceiam o discurso do sujeito, ou mesmo o controlam. Alguns destes processos indicam o que não pode ser dito, chamado por Foucault (1999) de “exclusão”, e outros que podem ser pensados, mas não pronunciados, denominados pelo autor como “controle do discurso”.

No processo de exclusão, que Foucault (1999) coloca como procedimento externo, há a interdição, que seria uma forma de exclusão estabelecida quando o sujeito sabe que não pode falar qualquer coisa em qualquer lugar. O tabu do objeto é um exemplo. Nele, é de conhecimento que alguns assuntos não devem ser trazidos à tona. A sexualidade e política são dos lugares mais fortes nesse tabu, como se o discurso os fizesse exercer seus poderes. Ainda na exclusão, Foucault (1999) também cita um processo de separação e rejeição: quando seu discurso não é igual àquele estabelecido na interdição, se opondo ao que está disposto, este discurso é tido como louco e é separado e rejeitado. Por fim, o autor cita a vontade de verdade, que seria o discurso que busca ser aceito como legítimo, mesmo que não o seja. Essas situações, assim, “funcionam como sistemas de exclusão; concernem, sem dúvida, à parte do discurso que põe em jogo o poder e o desejo” (FOUCAULT, 1999, p. 21), incidindo em um tipo de coerção nos indivíduos.

De outro lado, ainda na coxia de Foucault (1999), chamados pelo autor de “procedimentos internos”, existem os discursos que se autocontrolam. No primeiro caso, há o comentário. A égide deste procedimento seria a repetição de um discurso por outros. Como exemplo, Foucault (1999) menciona os textos religiosos. Outra colocação faz menção ao autor como outro princípio de cerceamento interno do discurso. Aqui, Foucault (1999) afirma que a ‘autoridade’ do autor modifica o sentido do discurso; quando identificado, detém um sentido maior. Diz Foucault (1999, p. 29): “O comentário limitava o acaso do discurso pelo jogo de uma *identidade* que teria a forma de *repetição* e do *mesmo*. O princípio do autor limita esse mesmo acaso pelo jogo de uma *identidade* que tem a forma da *individualidade* e do *eu*”. Assim, essa individualidade do autor pode conferir um sentido mais crível ao seu discurso – relacionamos este caso ao discurso de autoridade, que trabalharemos mais à frente. Finalmente, temos a disciplina, que age como dispositivo de cerceamento na indicação de que os discursos são aceitos mediante proximidade aos discursos daquele campo do saber específico. Como exemplo, Foucault (1999) cita os objetos e métodos distintos que Mendel empregava no século XIX, e que isso não era aceito pelos biólogos da época.

1. Não pretendemos expor todos os modos de controle e exclusão do discurso trazidos por Foucault (1999), mas sim aqueles em que entendemos ser relevantes lembrar em nosso escopo teórico por serem congruentes aos nossos objetos.

Fundamentalmente, na concepção foucaultiana o discurso será o lugar da emergência das falas, determinando a construção de saberes sobre o mundo e sobre uma suposta 'verdade' legítima – o que, em nosso ver, não passa de uma construção arbitrária. De tal modo, o discurso está envolvido numa luta simbólica pelo significar o mundo sob um viés legitimado.

Outro conceito que pode nos ajudar na observação aos programas popularescos diz respeito às formações discursivas. O conceito foi estudado epistemologicamente por Michel Foucault (2002), que desenvolvia sua pesquisa acerca das possibilidades do discurso. A partir de seus estudos sobre discursos que envolvem a temática da loucura, o filósofo francês lançou para si o questionamento: “que espécie de laços reconhecer validamente entre todos esses enunciados que formam, de um modo ao mesmo tempo familiar e insistente, uma massa enigmática? (FOUCAULT, 2002, p 36).”

Considerando que os discursos são produzidos conforme nossas vivências e ideologias, é permissivo afirmar que o sentido em si não existe, mas sim que ele é determinado por essas posições colocadas em jogo no processo sócio-histórico das palavras. Assim, essa noção de formação discursiva é que permitirá a compreensão do processo de produção de sentidos e permitirá ao pesquisador a possibilidade de estabelecer parâmetros no funcionamento do discurso.

Na obra *Arqueologia do saber*, Foucault (2002) apresenta 4 hipóteses que podem trazer essa relação entre enunciados, a saber: a primeira indicaria uma relação entre enunciados que, mesmo em diferentes formas e dispersos no tempo, formariam um conjunto quando se referissem ao mesmo objeto; todavia, de acordo com o autor não há como individualizar um conjunto de enunciados e estabelecer entre eles uma relação constante. A segunda hipótese proposta apontaria para um padrão entre enunciados de um grupo específico, como exemplo o discurso médico; porém, essa hipótese também não se confirmou, pois Foucault (2002) encontrou distinção entre enunciados médicos de épocas distintas – a constatação do autor pode ajudar ao pesquisador que busca uma relação entre enunciados em uma perspectiva histórica, tal como apontamos neste artigo. No caso da terceira hipótese, a busca se dá na semelhança entre enunciados que congregam sistemas de conceitos permanentes; mais uma vez, a hipótese não se confirmou, pois escolas diferentes ou semelhantes trabalham conceitos que se opõe, pondera Foucault (2002). Por fim, na questão da identidade e persistência dos temas, que é apresentada como quarta hipótese, também não há confirmação de relação entre enunciados, já que o filósofo também desmente a hipótese ao colocar que encontrou “possibilidades estratégicas diversas que permitem a ativação de temas incompatíveis, ou ainda a introdução de um mesmo tema em conjuntos diferentes” (FOUCAULT, 2002, p. 42).

Escrevendo sobre essas dispersões encontradas nas hipóteses não admitidas, Foucault coloca que “em lugar de reconstituir cadeias de inferência (...), em lugar de estabelecer quadros de diferença (...), descreveria sistemas de dispersão (FOUCAULT,

2002, p. 43). De tal modo, Foucault determina que nos sistemas de dispersão semelhantes em um certo número de enunciados, e quando houver tipos de enunciação, de conceitos e de escolhas temáticas se puder definir uma regularidade entre os objetos, teremos, então, a formação discursiva.

No veículo televisivo, tal como indicamos anteriormente, as produções abrangem som e imagem por excelência, o que permite uma construção discursiva peculiar ao meio. A seguir abordaremos, brevemente, os elementos da produção na TV e seus desdobramentos ao popularesco.

2 I PROGRAMAS POPULARES(COS)

No propósito de direcionarmos nossas discussões ao que consideramos ser premente ao popularesco, pensemos inicialmente na televisão enquanto veículo midiático. Nesse caminho, pretendemos entender acerca dos objetos empíricos deste trabalho, apresentando algumas considerações sobre a definição de cultura popular. Assim, desdobramos nossos olhares a alguns autores que pensam a cultura popular sob um viés popularesco.

Pensando na televisão e em seus produtos midiáticos, recorreremos ao pensamento de Martín-Barbero (2001), que observa que os rostos que aparecem na televisão não são nem misteriosos, nem encantadores ao extremo; são rostos ‘normais’, que buscam uma familiarização da audiência. Já Charaudeau (2012, p. 109) ressalta a junção perfeita entre imagem e som como uma “solidariedade tal, que não se saberia dizer de qual das duas depende a estruturação do sentido”.

No caso de programas telejornalísticos – mote de nossos objetos empíricos –, Charaudeau (2012) ressalta que o processo de significação será interdependente, uma vez que a imagem do veículo televisivo não se constitui em estado puro, como são as imagens fotográficas ou de artes plásticas. Tal constatação implica que “a imagem televisionada tem uma origem enunciativa múltipla com finalidades de construção de um discurso ao mesmo tempo referencial e ficcional” (CHARAUDEAU, 2012, p. 110).

Na busca por tentarmos conceituar os aspectos da cultura popular e do que seria a cultura popularesca, recorreremos a alguns autores clássicos que pensam tais modos de representar a cultura, delineando um esboço teórico para, finalmente, nos assentarmos em uma definição que nos guie quando das observações dos programas aqui trazidos como objetos empíricos.

Traçando um resgate que nos ajude a entender as origens dessa cultura popular, Hall (2003, p. 247-248) inicia seu relato reforçando a seguinte ideia:

No decorrer da longa transição para o capitalismo agrário e, mais tarde, na formação e no desenvolvimento do capitalismo industrial, houve uma luta mais ou menos contínua em torno da cultura dos trabalhadores, das classes trabalhadoras e dos pobres. (...) As mudanças no equilíbrio e nas relações

das forças sociais ao longo dessa história se revelam, frequentemente, nas lutas em torno da cultura, tradições e formas de vida das classes populares.

Tais conflitos atestam que essa mudança para o capitalismo pode sucumbir alguns aspectos ‘tradicionais’ da cultura popular, reorganizando-a com base em novas feições de formas e práticas culturais. Nesse processo, sob o pretexto de ser para seu próprio bem, o povo é que acaba por ser objeto dessas alternâncias. Essa possível ‘miscigenação’ de novos contornos parece resultar em novas formas dessa cultura popular: há todo um modo de relação com as formas de vida dos trabalhadores, entre um período e outro, e com as definições entre si destes próprios trabalhadores.

Essa relação comentada entre a cultura e a vida no campo também ajuda a explicar a própria origem do termo. Cevasco (2001) sintetiza que o conceito de cultura traz a história de disputas em torno da fixação de seu sentido. Prossegue a autora propondo que: “tanto do ponto de vista conservador quanto do progressista, ‘cultura’ é usado para aferir a qualidade de vida de um tempo, ou até mesmo para ser levada a outros povos” (CEVASCO, 2001, p. 45). No entendimento de Raymond Williams (apud CEVASCO, 2001), podemos entender também a cultura como “ordinária”, pois todos estamos envolvidos nela e cultura engloba todas essas acepções: cultura é ordinária, porque a cultura já está dada no nosso modo de vida.

Refletir sobre essas questões pode nos ajudar a delinear a ideia de cultura popular. De acordo com as ponderações de Hall (2003, p. 248), “a cultura popular não é, num sentido ‘puro’, nem as tradições populares de resistência a esses processos, nem as formas que as sobrepeõe. É o terreno sobre o qual as transformações são operadas”. Essas modificações que as diferentes culturas sofrem podem se constituir em regimes de cultura popular.

Mostrando algumas definições sobre cultura popular, Hall (2003) discute alguns significados: o primeiro deles faz menção à definição comercial que “popular” pode ganhar. Em tal raciocínio, emprega-se o termo em uma visão mais parecida com a Indústria Cultural, atribuindo que algo seria “popular” porque são consumidos pelas massas, que assimilariam esse conteúdo e o apreciariam imensamente. Isso implica uma associação direta à manipulação por parte dos receptores da cultura popular. Na contramão deste sentido de cultura popular, Cevasco (2001) afirma que Raymond Williams sempre se opôs ao entendimento de que somente os produtos artísticos da ‘alta cultura’ podem ser tidos como cultura e os que não a praticam são “massas ignorantes” – aqueles que teriam contato com a cultura popular, segundo a definição comercial do termo. Assim, como consequência lógica da cultura como ordinária, Williams propõe a ideia de cultura comum ao invés de cultura de massa, o que já desmistifica esse caráter ‘frankfurtiano’ comercial de cultura popular. Hall (2005) também se mostra contrário a essa primeira definição que apontamos. Segundo o autor, se as formas culturais desse tipo de cultura comercial popular são manipuláveis, então seus consumidores também o serão. E isso remete à ideia de

que o povo é uma força mínima passiva. Na descrença dessa definição, o autor atribui elementos de identificação do povo à essa cultura, mas não sob um efeito manipulador:

Se as formas de cultura popular comercial disponibilizadas não são puramente manipuladoras, é porque, junto com o falso apelo, a redução de perspectiva, a trivialização e o curto-circuito, há também elementos de reconhecimento e identificação, algo que se assemelha a uma recriação de experiências e atitudes reconhecíveis, às quais as pessoas respondem. (HALL, 2005, p. 255).

Outra ideia de cultura popular do teórico dos Estudos Culturais indica um tipo de definição “heroico” para o termo. Conforme coloca Hall (2005), há teóricos que contrapõem a cultura comercial popular a uma outra cultura, que seria alternativa e manteria sua integridade. Para tais teóricos, essa outra cultura seria íntegra, provinda da “verdadeira” classe trabalhadora que não seria enganada pelos substitutos comerciais. Tal como exprimiu na ideia de cultura comercial popular, Hall também discorda desse segundo conceito. “Seu problema básico é que ela ignora as relações absolutamente essenciais do poder cultural. (...) Não existe uma “cultura popular” íntegra, autêntica e autônoma, situada fora do campo de força das relações de poder e de dominações culturais” (HALL, 2005, p. 254). O teórico entende que essa dialética cultural estabelecida entre a “cultura popular” e a “cultura dominante” precisa ser considerada em tensão contínua de relacionamento, influência e antagonismo (HALL, 2005).

Martín-Barbero (2001) analisa a cultura popular sob um viés histórico, investigando de seu surgimento à sua viabilidade enquanto cultura ‘própria’. O autor aborda a ideia de massa, destacando que esta não se trata de um processo isolável, mas uma forma recente de sociabilidade, propondo que: “pensar o popular a partir do massivo não significa (...) alienação e manipulação, e sim novas condições de existência e luta, um novo modo de funcionamento de hegemonia” (MARTÍN-BARBERO, 2001, p. 322). Todavia França (2009, p. 40) aponta que a cultura popular pura, hoje, já está quase extinta, e que os representantes essenciais dessa cultura já não a produzem mais: “a ideia do popular enquanto produzido pelo povo se esvazia: nesta nova dinâmica cultural, a ele só cabe o papel de recepção”. Deste modo, o conteúdo midiático exibido não passa de algo investido de traços do popular: “Pode-se também chamar de popular aquilo que se dirige ao povo e que, buscando ativar o consumo pelos mecanismos de identificação, se parece com ele, assume algumas de suas características” (FRANÇA, 2009, p. 41).

Voltando a pensar sobre o jornalismo televisivo, mais especificamente programas televisivos com forte apelo ao popular, estabelecemos alguns entendimentos sobre o que poderia ser a configuração de uma cultura popular(esca) representada nessas atrações jornalísticas. Cumpre-nos ressaltar que parece haver uma confusão entre os termos popular e popularesco, uma vez que ambos podem ser utilizados para indicar situações que talvez não lhes dizem respeito. Buscando essa identificação do povo junto à TV, sobretudo aos tipos de programas que observamos, França (2009) mergulha na questão ao resgatar conceitos de autores consagrados da comunicação.

Citando Hall (2003a, 2003b), a autora relembra que, para os autores ligados aos cultural studies, essa ideia de popular não remete somente ao oposto da cultura elitista; na verdade, essa cultura popular seria uma segunda mão em comparação à cultura erudita. Ainda no escopo de Hall, França (2009, p. 225) observa que este popular seria influência das mídias na sociedade: “Não se trata de adotar o termo ‘cultura popular’ para designar o conjunto da produção cultural difundida pelos modernos meios de comunicação”. Não seria delirante interpretar, portanto, que tal como fragmentos de cultura popular se misturam ao conteúdo produzido pela televisão nos programas, a que entendemos como popularescos, projeções fragmentárias de personagens também podem ser criadas nessas atrações.

Recorrendo ao dicionário on-line Aulete (2017), encontramos uma dupla definição ao termo popularesco, a saber: “1. Que é vulgar ou de baixa qualidade: programa de televisão popularesco; 2. Que imita o que é popular”. Já o dicionário online Priberam (2017, on-line) remete o termo ao sinônimo de “popularucho”, que traz como significado: “1. Que imita o que é popular; 2. [Informal, depreciativo] Que é considerado de baixa qualidade (ex.: não gostei do tom popularucho do artigo) = VULGAR”. Em ambas as definições, percebemos certo sentido pejorativo ao termo, atrelando este à baixa qualidade e a uma imitação do popular. A própria definição do sufixo “esco”, também revela: “Designativo de qualidade, depreciação ou diminuição” (PRIBERAM, 2017, on-line). Nessa linha, França (2009) elucida diferentes significações ao termo, esclarecendo que daí provém relações com o povo, que se destina a ele e lhe é característico.

Conforme as colocações que trouxemos sobre como a cultura popular pode ser vista, e como deve ser pensada a partir de Hall e Williams, talvez possamos recorrer à origem da imprensa comercial popular (HALL, 2005) para pensarmos a constituição dos programas popularescos. Segundo o teórico cultural jamaicano, ao final do século XIX a inserção em massa de uma audiência desenvolvida da classe trabalhadora na imprensa comercial popular trouxe consequências culturais. Um dos principais efeitos pode ser entendido por meio da:

Reconstituição das relações políticas e culturais entre as classes dominantes e dominadas. (...) Seus resultados são palpáveis ainda hoje: uma imprensa popular, que quanto mais se encolhe mais se torna estridente e virulenta; organizada pelo capital “para” as classes trabalhadoras; contudo, com raízes profundas e influentes na cultura e na linguagem do ‘João ninguém’, ‘da gente’; com poder suficiente para representar para si mesma esta classe da forma mais tradicionalista. (HALL, 2005, p. 251).

Sob essa perspectiva adotada por Hall, nos parece plausível pensar nos programas televisivos que (re)tratam o que seria o cotidiano da audiência, sobrepujada por elementos do sensacionalismo. É comum notar apresentadores usando de recorrências discursivas que também remeteriam ao que seria esse popular, como gírias, clichês e encenações. Nas atrações que analisamos neste trabalho, é comum perceber tais marcas linguísticas.

Os apresentadores e repórteres conformam sua fala em gírias, por vezes, e até mesmo em saudações informais junto à audiência. Assim, a linguagem e os elementos discursivos mobilizados pelos sujeitos-jornalistas parecem congregar o que Hall (2005) coloca como a linguagem do “João ninguém”, “da gente”.

Essas representações que circundam os sujeitos-jornalistas, apresentadores dos programas popularescos, estão, em nosso entendimento, envoltas a construções discursivas. Em vista disso, iniciamos nossas análises a seguir.

3 I APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS OBJETOS EMPÍRICOS

O primeiro dos programas que analisamos no presente artigo é o jornalístico Documento Especial – Televisão Verdade. A atração trazia em sua constituição reportagens que buscavam problematizar questões sócio-políticas ancoradas em situações factuais. Uma das características mais marcantes do programa era o apelo ao popular(esco). Matérias que discutiam de assassinatos a situações inusitadas eram das mais exibidas pela atração. Surgiu na Rede Manchete em 1989, mantendo-se no ar até 1997, no Sistema Brasileiro de Televisão, mas já com um formato diferente, baseado em reportagens mais ‘descontraídas’.

Produzida e veiculada pela Rede Manchete em 1989 – ano de estreia do programa –, a edição, de 25’ e 42” se caracteriza, fundamentalmente, por uma ordem dicotômica classista/social, através de confrontos que se originam baseado nessa ambivalência. Fundamentalmente, o programa exhibe como os confrontos entre ricos e pobres se desdobra em diversos contextos na sociedade. E mostra como esses confrontos emergem em violência quando apresenta a guerra entre policiais X traficantes em um morro carioca; o discurso de um delegado de polícia, que defende a morte de bandido X, um filósofo que acredita na recuperação do criminoso; a indignação da população que lincha criminosos, entre outros.

O segundo programa mobilizado como objeto empírico deste trabalho é o Balanço Geral. A atração apresenta temáticas bem semelhantes em comparação àquelas transmitidas pelo Documento Especial. Surgiu em 2001 na Rede Record de Televisão, onde ainda se mantém no ar. Recentemente, a edição nacional passou a ser comandada pelo apresentador Luiz Bacchi, que substituiu Marcelo Rezende em virtude de seu falecimento.

A reportagem separada para análise foi na edição paulistana em 5 de março de 2014. O apresentador anuncia a reportagem: *Sobre Guarulhos, a polícia interceptou bandidos que haviam acabado de roubar um carro. Veja só.* A edição então exhibe o automóvel que havia sido roubado, envolto a tiros na lataria e nos vidros. Após a exibição da matéria jornalística, o comentarista Renato Lombardi – que já havia trabalhado em outros veículos de imprensa, dentre eles o jornal *Notícias Populares* – coloca: *É impressionante o número de menores envolvidos em crimes nos últimos 2 anos em São Paulo. Triplicou o número de*

menores envolvidos. É essa história: vai pra Fundação (Casa) e volta, vai e volta, e quando volta, volta pior.

A partir da breve descrição das reportagens observadas, descrevemos nossas observações sobre as formações discursivas e os procedimentos de controle do discurso observadas nas atrações.

Em relação às formações discursivas que enxergamos nos programas, podemos citar:

- Discurso da violência:

Documento Especial: as cenas do linchamento, exibindo corpos ainda vivos que queimavam em uma fogueira;

Balanco Geral: os carros metralhados na troca de tiros entre bandidos e policiais.

- Justiceiros:

Documento Especial: as próprias cenas dos linchamentos e dos demais confrontos parecem atestar que o programa se coloca na posição de alguém que busca justiça;

Balanco Geral: Os comentários de Renato Lombardi, atribuindo os crimes cometidos por menores de idade a um processo de “vai e volta” aos presídios.

- Teor policialesco:

Documento Especial: a cobertura do tiroteio, quando os repórteres cinematográficos acompanham de perto os policiais;

Balanco Geral: A entrevista com um delegado de polícia que explica a perseguição e prisão dos criminosos.

Nos procedimentos de controles do discurso (FOUCAULT, 1999), podemos observar:

Tabu de objeto: A cena do linchamento, que já indicamos, parece vir ao encontro do controle discursivo que Foucault (1999) entende ser um tabu quando da exibição de corpos que queimam em um linchamento;

Direito privilegiado do sujeito que fala: O Documento Especial parece colocar-se com essa autoridade para falar sobre determinados assuntos pela própria escolha da reportagem, os conflitos sociais, como se estivesse além de estar envolvido nessa dicotomia; o Balanco Geral, por sua vez, parece estar ao encontro desse direito sobretudo na fala de Renato Lombardi, disposto no programa como uma autoridade para comentar as reportagens.

Vontade de verdade: As cenas fortes, em ambas as atrações, como os corpos queimando e o veículo baleado, parecem buscar esse efeito de verdade com base na reação emocional da audiência.

Comentário: Mais uma vez, lembramos aqui o comentário de Renato Lombardi sobre as causas de reincidência de menores de idade nos crimes, quando afirma que a constante prisão e soltura destes é a responsável pela alta taxa de criminalidade.

Autor: Por fim, e em vista das observações que fizemos sobre os dois programas, nos parece que o discurso desse tipo de programa conquista eficiente assimilação da audiência por manter relações de concordância entre si: há aspectos mais atrelados à punição do que à reeducação ou soluções para os crimes (re)tratados.

4 | CONSIDERAÇÕES

Com base no arcabouço teórico que nos apresentou conceituações sobre discurso, nos mostrando como este abarca as relações sociais e institucionais, também das relações entre os enunciados do discurso e sobre as problematizações acerca do popularesco, entendemos que há, nos programas aqui analisados, um discurso moldado ao sabor dos interesses dos sujeitos-produtores da notícia.

Em programas que deve(ria)m representar o que seria o cotidiano da população, o que se pode observar é um traço dessa cultura popular, mas tal como apontamos, trabalhado com base em estratégias institucionais que visam manter determinada ordem discursiva. Todavia convém ressaltar também que esses programas não devem ser encarados tão somente como sensacionalistas ou manipuladores; há, na verdade, uma construção discursiva arbitrária que privilegia determinadas pautas e observações sobre tais assuntos e que se desdobra ao longo das décadas – como podemos notar aqui, nas décadas de 1980 e mais atualmente na presente décadas.

Por mais que haja uma intenção em revelar um cotidiano pertencente à classe popular, o que é transmitido talvez passe por um procedimento de controle que emana dos sujeitos-produtores da notícia e obedece a processos discursivos estabelecidos pelos diretores e diretores destes programas.

REFERÊNCIAS

AULETE DIGITAL. Disponível em: <<http://www.aulete.com.br/popularesco>>. Acesso em: 29 jul. 2017.

CEVASCO. **Para ler Raymond Williams.** São Paulo: Paz e Terra, 2001.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias.** São Paulo: Contexto, 2012.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso.** São Paulo: Loyola, 1999.

_____. **A arqueologia do saber.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

FRANÇA, Vera V. O popular na TV e a chave de leitura dos gêneros. In: GOMES, Itania Maria Mota (Org.). **Televisão e realidade.** Salvador: EDUFBA, 2009.

HALL, Stuart. Da diáspora: **Identidades e mediações culturais.** Org. Liv Sovik; Adelaine La Guardia Resende et al. (trad.) Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

MARTIN-BARBERO, Jesus. **Dos meios às mediações**. Comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro. UFRJ, 2001

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes Editores, 2012.

PRIBERAM. Disponível em: <<https://www.priberam.pt/DLPO/discursar>>. Acesso em: 28 fev. 2017.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Alteridade 44, 45, 46, 47, 49, 150

Artesanato-Consumo 105

Artesanato Maranhense 105

B

Balanço Geral 1, 9, 10

C

Canção Nova 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95

Casos 25, 30, 32, 33, 34, 35, 36, 38, 39, 40, 41, 47, 64, 86, 146, 190

Charge 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103

Cinema 1, 58, 76, 159, 170, 199, 200, 204, 205, 209, 210, 211

Circuito 7, 145, 146, 149, 150, 156, 157

Circulação 19, 20, 22, 25, 28, 80, 97, 98, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 156, 157, 158

Colonialismo 44, 45, 47, 48, 49, 51, 52

Complexidade 93, 131, 149, 150, 157

Comunicação 2, 2, 7, 8, 12, 18, 19, 29, 45, 49, 51, 54, 55, 59, 70, 74, 76, 77, 78, 83, 85, 86, 87, 88, 93, 94, 95, 97, 98, 103, 104, 107, 120, 121, 123, 129, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 149, 150, 153, 155, 156, 157, 158, 205, 211, 212, 213

Comunidade 18, 84, 87, 88, 92, 113, 117, 119, 123, 124, 125, 129, 137, 175, 176, 182

Consumo 7, 14, 33, 36, 37, 42, 43, 55, 56, 57, 58, 65, 68, 105, 106, 108, 109, 110, 114, 115, 118, 122, 136, 174, 175, 176, 178

Crítica Ideológica 199, 200

Cultura Local 83, 84, 85, 114

D

Design 105, 106, 107, 108, 109, 114, 115, 116

Discurso 1, 2, 3, 4, 5, 9, 10, 11, 12, 20, 21, 28, 45, 50, 52, 58, 60, 62, 64, 96, 97, 99, 100, 102, 103, 104, 122, 141, 204, 206

Distopia 199, 200, 203, 209

Documento Especial 1, 9, 10

E

Educação Financeira 174, 175, 176, 177, 181, 182, 183

Educação Infantil 174, 175, 176, 177, 179, 181, 182, 183
Ensino 87, 103, 117, 119, 174, 175, 176, 182, 184, 185, 187, 198
Entrevistas 14, 55, 56, 62, 68, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 81, 85, 106, 112, 114
Epistemologia Genética 184, 185
Estratégias 2, 11, 70, 81, 99, 143, 154, 184, 186, 191, 195

F

Facebook 96, 97, 100, 101, 102, 103, 131, 137, 139, 148, 151, 152, 153, 154, 162
Festival de MPB 70
Formação Discursiva 1, 4, 5
Fronteira 29, 44, 45, 49, 50

G

Gamificação 174, 176, 179, 181, 182
Gênero 19, 20, 21, 29, 96, 97, 98, 99, 103, 110, 121, 138, 205, 209, 210
Globalização 44, 48, 49, 83, 84, 85, 106, 121, 130

H

História Oral 70, 71, 72, 73, 74, 81, 82

I

Ideologia 2, 61, 99, 122, 199, 200, 203, 204, 207, 208, 209, 210, 211, 212
Interação 2, 84, 97, 98, 110, 114, 121, 132, 133, 139, 141, 145, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 157, 174, 185, 186

J

Jogo de Regras 184, 186, 187, 198
Jornalismo 7, 14, 16, 19, 47, 49, 50, 51, 54, 76, 78, 79, 80, 91, 92, 93

M

Maioridade Penal 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103
Memória 55, 59, 69, 70, 71, 73, 81, 82
Mídia 1, 13, 14, 15, 16, 18, 19, 21, 28, 29, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 53, 54, 71, 91, 95, 96, 97, 98, 99, 115, 117, 118, 119, 123, 129, 132, 136, 137, 139, 143, 144, 211, 213
Mórmons 55, 59, 60, 66

O

Ordem do Discurso 1, 11

P

Pesquisa-Ação 117, 118, 119, 124, 129, 175, 183
Plataformas 138, 145, 146, 149, 150, 151, 152, 155, 156, 157
Preconceito 19, 20, 22, 25, 28, 139, 141
Prevenção de Saúde 13
Produção de Imagem 117
Publicidade 42, 88

R

Rádio 1, 25, 76, 78, 80, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95
Redes Sociais 93, 96, 97, 103, 104, 125, 131, 132, 133, 136, 137, 138, 139, 141, 142, 143, 146, 148, 151, 153
Regionalismo 83, 84, 86, 90, 92, 93
Religião 48, 55, 56, 58, 61, 62, 63, 64, 66, 68, 94, 102
Revista “Intervalo” 70, 74

S

Saúde 13, 14, 15, 16, 17, 18, 45, 60, 89, 120, 154, 178, 181
Sétima Arte 199
Sexismo 30, 38, 41, 42, 43
Simultaneidade 184, 187, 188, 189, 190, 191
Sucessão 184, 187, 188, 189, 190, 191, 192

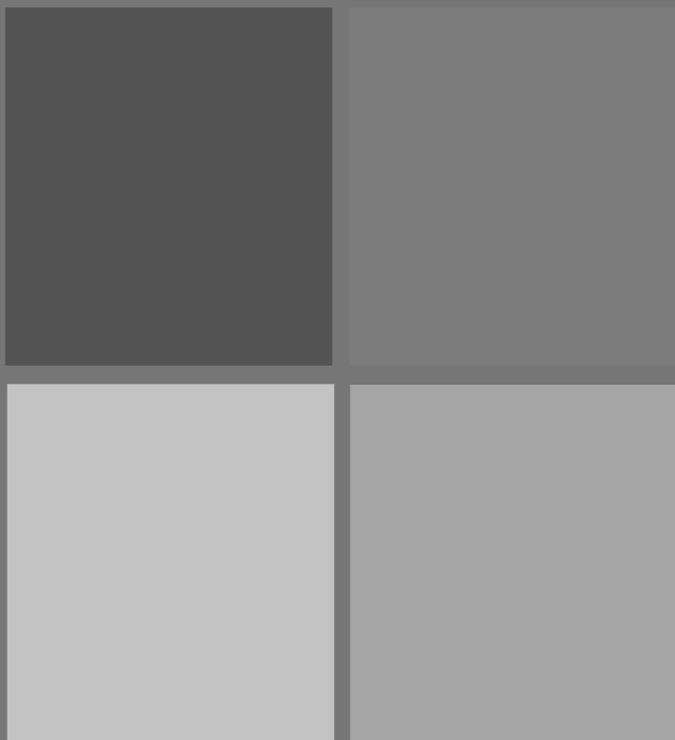
T

Telejornalismo 13
Televisão 1, 2, 5, 8, 9, 11, 14, 25, 70, 71, 74, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 94, 111, 143, 155

V

Vaza Jato 145, 146, 149, 151, 152, 155, 157
Violência 9, 10, 19, 20, 21, 24, 25, 26, 28, 29, 49, 51, 103, 119, 120, 124

O Imaginário Mágico nas Ciências da Comunicação



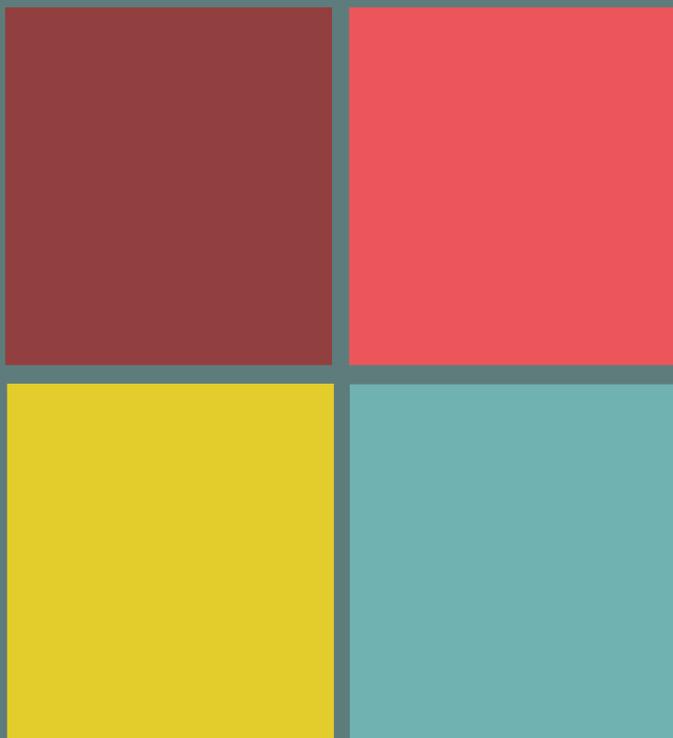
www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

O Imaginário Mágico nas Ciências da Comunicação



www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 